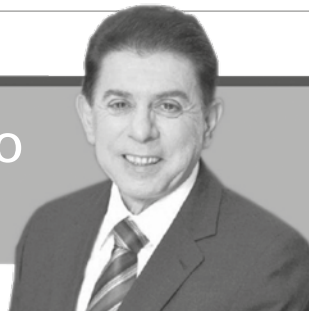


Futebol no meio de uma guerra



Heródoto Barbeiro (*)

Os torcedores de times diferentes, vez por outra, esquecem que um jogo de futebol é um espetáculo.

Deve servir e praticado dentro das regras da esportividade. Assim, os times têm de aprender que ganhar ou perder faz parte de qualquer esporte, inclusive o futebol.

As pessoas que vão aos estádios, vão para se divertir, para gritar, comemorar os gols de sua equipe e lamentar sua perda e os frangos do goleiro. Ninguém precisa ir armado, ou agredir um torcedor de time contrário como se fosse um inimigo. Campo de futebol não é campo de batalha. Mesmo quando as equipes representam países que estão em guerra.

Alguns países dão o mau exemplo da perda de esportividade. Eles se recusam a jogar contra uma equipe que representa o inimigo. As entidades internacionais, responsáveis por vários campeonatos, entre eles a Copa do Mundo, fazem o que podem para impedir a politização dos jogos. Alguns países se retiram da competição, outros são excluídos por não aceitarem a máxima de que não se pode misturar esporte com política.

Manifestações de jogadores antes, durante ou depois do

jogo são duramente reprimidas e alguns são suspensos das entidades internacionais e excluídos de campeonatos futuros. Essa política é cada vez mais difícil de manter diante de ameaças de guerra que assolam o mundo no início do século 20.

Os políticos e militares do alto escalão propagam que o conflito europeu é de curta duração. As maiores potências da Europa mobilizam milhões de soldados e tanto de um lado como do outro acreditam que ocorrerá um choque de grandes proporções, com a vitória de um dos lados e o fim da guerra. O assassinato do casal herdeiro do Império Austro-húngaro foi o gatilho para a eclosão do conflito.

O sistema de alianças provocou um conflito em cadeia. No Natal de 1914, ingleses e alemães se enfileiraram na Bélgica. Sem o consentimento dos comandos, os soldados fazem uma paz natalina. Os canhões se calam. Um soldado sai da trincheira e chuta uma bola. Outros o acompanham e, em pouco tempo, alemães e ingleses formam times e disputam uma partida de futebol. Ela termina com uma confraternização entre inimigos. Em paz voltam para as suas trincheiras. Muitos para morrer depois.

(*) - É professor e jornalista, âncora do Jornal Novabrasil, colunista do R7, do Podcast. Mestre em História pela USP e inscrito na OAB. Palestras e mídia training. Canal no Youtube (www.herodoto.com.br).

Soa o alarme: mercado em alerta com gastos bilionários em IA

Investidores estão cada vez mais inquietos diante das cifras astronômicas que empresas de inteligência artificial vêm destinando à expansão de sua infraestrutura.

Vivaldo José Breternitz (*)

Amazon, por exemplo, viu suas ações despencarem no início de fevereiro após anunciar que pretende investir nessa área US\$ 200 bilhões apenas em 2026. A Microsoft também sofreu forte queda, alimentando temores de que o retorno sobre esses investimentos, se acontecer, possa demorar ainda mais do que o previsto.

No total, as gigantes da tecnologia devem desembolsar um recorde de US\$ 650 bilhões em IA no próximo ano, valores que deixaram Wall Street em estado de alerta máximo.

Analistas alertam para o perigo de uma bolha. Um levantamento do Bank of America com 162 gestores de fundos revelou que 35% acreditam que as corporações estão exagerando nos gastos de capital, recursos usados para adquirir, atualizar e manter ativos físicos, em proporção inédita nos últimos 20 anos. Apenas 20% apoiaram o aumento desses investimentos.

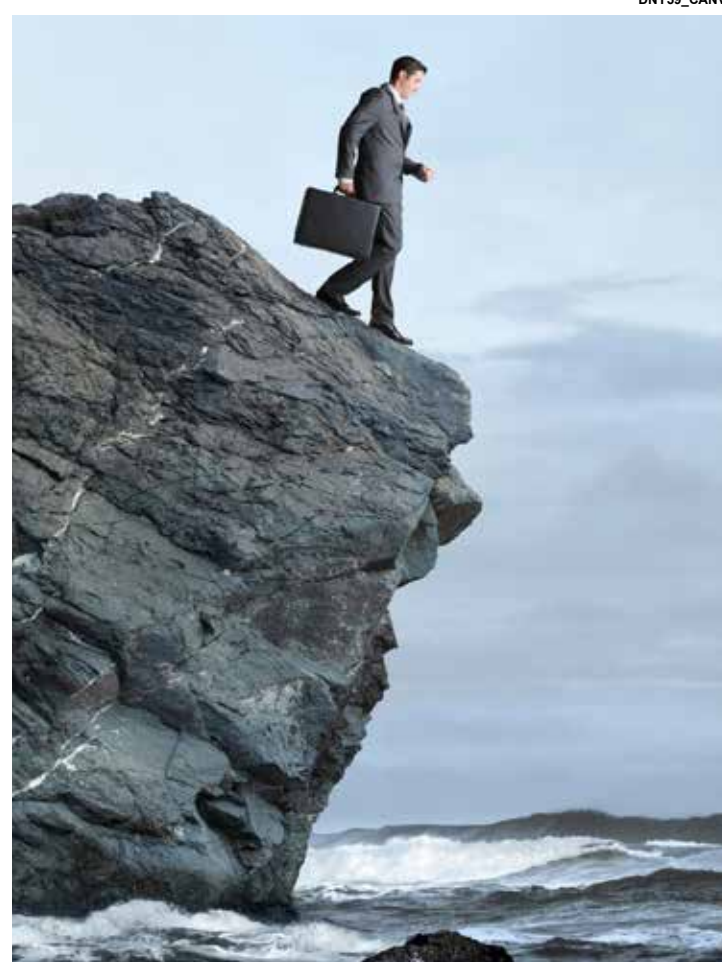
A ameaça de uma bolha de IA já é vista como o maior risco por 25% dos entrevistados, superando preocupações com inflação e conflitos geopolíticos. Além disso, 30% apontaram os gastos com IA como a fonte mais provável de uma crise de crédito, que se vier, deve afetar o mundo como um todo.

O retrato é sombrio: os resultados do levantamento sugerem que as big techs estão ultrapassando os limites, queimando dezenas de bilhões de dólares a cada trimestre.

Mesmo assim, líderes do setor seguem defendendo os aportes. O CEO do Google, Sundar Pichai, classificou o momento como "extraordinário" e "transformador" durante a Cúpula de IA em Nova Delhi, comparando a revolução da inteligência artificial à industrial, "mas dez vezes mais rápida e dez vezes maior".

Já o CEO da Nvidia, Jensen Huang, tentou acalmar os investidores, afirmando que os investimentos em IA são apenas o começo. Analistas, no entanto, permanecem céticos.

"Diria que os clientes têm razão em se preocupar com uma bolha de IA, porque há muita incerteza", declarou Ben Preston, consultor da Orbis, uma gestora global de investimentos, ao *Financial Times*.



DNY59_CANVA

Vale lembrar o sociólogo Robert Merton, que cunhou em 1949, a expressão "profecia autorrealizável" para explicar como a previsão de que algo negativo acontecerá influencia as ações dos envolvidos e acaba fazendo com que essa previsão se torne realidade - e de tanto falar-se em estouro da bolha, pode ser que ele acabe acontecendo.

E atenção: se a bolha estourar, o Brasil não ficará imune!

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas - vjntz@gmail.com.

Agentes de IA podem acelerar processos de 30% a 50%, aponta BCG

De acordo com o estudo "How Agentic AI Is Transforming Enterprise Platforms", produzido pelo Boston Consulting Group (BCG), os processos assistidos por inteligência artificial (IA) já não são suficientes. As empresas que querem ter uma vantagem competitiva em produtividade, responsabilidade e inovação devem adotar a IA agêntica.

Os agentes de IA podem tomar ações autônomas e orientadas por objetivos. Eles detectam anomalias de forma autônoma, preveem necessidades de caixa e recomendam a realocação entre contas. O levantamento mostra que, em ambientes piloto, os eventos de risco foram reduzidos em 60%.

Além disso, segundo o BCG, fluxos de trabalho orquestrados por IA podem acelerar os processos de negócios em 30% a 50% em áreas que vão de finanças e compras a operações de clientes. Mas, para que essa transformação se concretize, as empresas devem investir em IA como um produto, atribuindo a alguém a supervisão dos processos dos agentes, implementando mecanismos de controle e criando salvaguardas humanas.

Os primeiros adotantes estão vendo ciclos de fluxos 20% a 30% mais rápidos e reduções significativas nos custos de back-office. Em alguns casos, o tempo de processamento humano foi reduzido em algumas instâncias em 40% e o Net Promoter Score (NPS) - uma medida da probabilidade de um cliente recomendar uma seguradora a um conhecido - aumentou em 15 pontos.



Contudo, essa tecnologia traz novos desafios de governança, pois, sem supervisão, controles de agentes bem construídos podem sair do curso. Ao mesmo tempo, aumenta o potencial de ameaças de cibersegurança, visto que cria ou expande superfícies de ataque que atores maliciosos podem alavancar, por exemplo, sequestrando agentes autônomos para infiltrar sistemas e roubar dados.

Para mitigar esses riscos e construir uma implementação segura, o BCG, no âmbito do seu Framework para Segurança e Confiança Agentic (FAST) e por meio da pesquisa "Making AI Agents Safe for the World", identificou três estratégias-chave que ajudam as empresas a se proteger:

Validação de entrada com reconhecimento de intenção. Os sistemas

devem detectar e bloquear solicitações maliciosas, analisando sua intenção e estrutura, sem restringir consultas legítimas. Um agente treinado para detecção é provavelmente a melhor solução.

Segurança robusta da API. Todas as integrações exigem mecanismos de autenticação fortes combinados com uma higienização completa dos dados de entrada. Isso reduz o risco de consultas maliciosas se propagarem por sistemas interconectados. A aplicação de padrões de confiança zero (nunca confie, sempre verifique) e do princípio do menor privilégio (os usuários recebem o mínimo de acesso necessário) é fundamental para garantir que os agentes sejam devidamente autenticados e autorizados a acessar os componentes necessários do sistema.

Monitoramento em tempo real. O monitoramento contínuo do comportamento com detecção de anomalias ajuda a identificar padrões indicativos de manipulação maliciosa. Auditorias regulares garantem que o comportamento da IA permaneça alinhado aos objetivos pretendidos, com qualquer desvio ou degradação sendo prontamente corrigido.

O BCG reforça que equilíbrio entre inovação e segurança garante que os sistemas permaneçam funcionais e resilientes, agregando valor e, ao mesmo tempo, protegendo usuários e dados.

Os estudos completos estão disponíveis, em inglês, no site do BCG (www.bcg.com).

News@TI

Wildlife Studios anuncia 21 vagas em tecnologia e desenvolvimento de games

A Wildlife Studios, uma das maiores desenvolvedoras de jogos mobile do mundo, anuncia a abertura de 21 novos postos de trabalho para profissionais de tecnologia e desenvolvimento de games. Entre as oportunidades, destacam-se vagas para Engenheiros (Backend, Game, Site Reliability), Cientistas e Engenheiros de Dados, Designers (UI/UX, Game, Motion), Artistas (2D, 3D, Marketing), e talentos nas áreas de People Analytics, RH e Finanças. Os interessados em fazer parte da equipe da Wildlife Studios e construir games para o mundo todo podem se candidatar às vagas disponíveis na página de carreiras da empresa, através do link (<https://careers.wildlifestudios.com/pt-br/pesquisar-jobs/>).

Setor elétrico brasileiro enfrenta "inflação de ataques" cibernéticos

O setor de energia e bioenergia no Brasil opera sob nível de ameaça cibernética classificado como alto e crescente. O diagnóstico é do relatório "Modelagem de Ameaças: Um Raio-X da Cibersegurança no Setor Energia e Bioenergia", produzido pela Redbelt Security, consultoria brasileira especializada em segurança da informação. O documento aponta o ransomware de dupla extorsão como principal ameaça tática e identifica a convergência pouco segura entre redes de TI e de tecnologia operacional (TO/ICS) como o risco estratégico mais sensível da cadeia (<https://wa.me/c/5511948785008>).

Nova plataforma móvel transforma ideias em apps prontos em minutos

A Emergent, plataforma de programação intuitiva que permite que qualquer pessoa transforme ideias em softwares rentáveis, anunciou o lançamento de seu aplicativo móvel, o Emergent AI. Com o aplicativo móvel da Emergent, é possível eliminar barreiras para o desenvolvimento de software para bilhões de pessoas em todo o mundo. Usuários podem transformar uma ideia em aplicativo totalmente funcional e publicá-lo diretamente na App Store e no Google Play. Um fundador pode iterar a lógica do produto enquanto espera um voo. O dono de uma pequena ou média empresa pode ajustar fluxos de trabalho minutos após uma ligação com seu cliente. Um consultor pode transformar feedback em novos recursos instantaneamente. "As melhores ideias raramente esperam você estar na sua mesa", disse Mukund Jha, cofundador e CEO da Emergent. "A necessidade de novas ferramentas para desenvolvimento de software é clara, como evidenciado pelo sucesso da Emergent." Os usuários interessados podem baixar o aplicativo na App Store ou no Google Play.